

PALAVRAS DO PRESIDENTE DA LIGA DO COMBATENTES GEN JOAQUIM  
CHITO RODRIGUES NA RECEPÇÃO DE ABERTURA DO CONGRESSO DOS  
COMBATENTES A 10/ JUNHO/2009

Exmos. Senhores

Hoje é dia de Portugal.

Tivemos já ocasião de participar na sua celebração.

De manhã honrámos e evocámos os nossos combatentes mortos ao serviço de Portugal.

Amanhã empenhar-nos-emos na reflexão sobre formas de conseguir o aprofundamento do reconhecimento e dignidade dos combatentes vivos.

Neste momento, estamos reunidos para, simbolicamente, assinalarmos o facto de irmos dar início a um Congresso dos Combatentes, com aquela finalidade.

Como Presidente da Liga dos Combatentes cabe-me dar-vos as Boas Vindas e desejar que este espaço e momento de convívio satisfaça os objectivos que todos desejamos.

Como Presidente da Comissão Executiva do Congresso dos Combatentes quero também testemunhar a todos os presentes e a todos os Combatentes, o empenhamento de todas as Associações Participantes, nomeadamente das representadas na Comissão Executiva e das Associações Promotoras, sem o qual seria muito difícil, no espaço e no tempo disponíveis, materializar a realização deste Congresso.

Estão connosco praticamente a totalidade das Associações. As que verdadeiramente representam os que serviram e servem as Forças Armadas Portuguesas, num total de vinte Associações.

É um verdadeiro Congresso Nacional dos Combatentes.

É de facto um momento importante do nosso Movimento Associativo que merece ser assinalado e preservado.

Muitos se interrogam como foi possível, porquê e para quê esta unidade na acção. As respostas que dão a si próprios levam-nos a duvidarem dos propósitos, da conduta e a colocarem-se sob expectativa estratégica.

E afinal a resposta é simples. É muito mais e de muito maior importância o que nos une, do que o que nos separa.

O nosso esforço permanente tem sido afinal, e continua a ser, pelo aprofundamento do reconhecimento e da dignidade dos que serviram e servem nas Forças Armadas.

Representamos indirectamente mais de um milhão de portugueses que se bateram em África e os que hoje se batem nas Operações de Paz e Humanitárias e sentimo-nos unidos por sentimentos semelhantes aos vividos por mais de 4 milhões de portugueses se contarmos com as suas famílias.

Representamos efectivamente cerca de 300.000 portugueses que um dia decidiram inscrever-se como membros de uma Instituição ou Associação de Combatentes e delas esperaram esforço e luta para que a solidariedade e o apoio mútuo fossem uma realidade.

Se nos mantivermos unidos, sem protagonismos, respeitando a história e a individualidade de cada uma das nossas instituições, seremos uma robustecida força na defesa da nossa dignidade e dos nossos direitos.

Dignidade e direitos são os pilares dos anseios vitais de qualquer cidadão. Para os cidadãos que serviram ou servem as Forças Armadas um outro pilar faz parte desses desígnios vitais: o cumprimento dos deveres.

Enquanto exigimos ao Estado que nos garanta a dignidade e direitos correspondentes ao mérito das nossas acções, somos o único sector da sociedade portuguesa de quem o Estado recebe a garantia, como contrapartida, do cumprimento dos deveres, mesmo com o sacrifício da própria vida.

É essa a génese da nossa ímpar condição militar. Que nos uniu e nos une.

Não prescindimos e garantimos por juramento, o cumprimento dos deveres.

Temos moral para exigir dignidade e direitos correspondentes.

Fomos e somos realmente únicos e diferentes.

Lutamos pelo reconhecimento efectivo por parte do Estado, dessa diferença, alicerçada na defesa dos interesses vitais de Portugal nas traiçoeiras florestas africanas ou nas difíceis montanhas do Afeganistão, de armas na mão, arriscando a própria vida.

Não nos move nenhum projecto de ameaça ou de confrontação. Move-nos um projecto de acção cívica e política, aberta.

Move-nos um projecto que, reconhecendo algumas realizações e apoios concedidos até hoje pelo Estado, a esses homens e famílias, encerra a necessidade de uma acção cívica e política contínua que abra e aprofunde diálogos que conduzam a soluções para os graves problemas que se continuam a pôr aos combatentes de ontem e de hoje e às suas famílias.

Sabemos e conhecemos os níveis de reconhecimento e respeito que os combatentes de ontem e de hoje respiram no Portugal Profundo.

É importante que se instalem iguais níveis no Portugal dos Governos. Importa que o olhar de apreço e de respeito que sentimos no Portugal rural e urbano tenha permanente correspondência no Portugal dos Governos.

Encontrámos para discutir no congresso pontos de interesse comum aos que serviram e servem as Forças Armadas: Cidadania e Defesa, Apoio Social e Apoio à Saúde.

Discuti-los-emos amanhã de forma tranquila, superior e clara, por forma a abrir ou aprofundar canais já abertos, entre as nossa organizações e o actual e futuros governos e instituições da sociedade civil de Portugal, da empresa à universidade, capazes de nos apoiarem neste trabalho comum.

Os únicos e verdadeiros donos e usurários desse trabalho e do produto útil final, que ele porventura venha a produzir, são exclusivamente os Combatentes e suas famílias, nomeadamente os mais carenciados no campo económico, físico ou mental.

Meus Senhores e minhas senhoras

O Congresso dos Combatentes deverá constituir um Momento de relevo e um tempo de apreciação, reflexão e debate que conduza a conclusões relativas à resolução de problemas que não fujam à percepção da sociedade portuguesa, antes pelo contrário, sejam por ela compreendidas e apoiadas.

Estamos inseridos profundamente na sociedade portuguesa de uma forma transversal e conhecemos os problemas actuais do país.

Para o cumprimento das finalidades a que nos propomos é pois espectável que os congressistas conduzam os trabalhos e a sua acção por forma a que o Congresso Nacional dos Combatentes seja:

- Uma demonstração de cidadania, de civismo e de serenidade;
- Uma jornada de reflexão e análise conclusiva sobre as áreas de interesse comum definidas;
- Um momento histórico do associativismo dos combatentes ao juntar as associações que servem e serviram as Forças Armadas, na defesa dos interesses nacionais, com base numa condição que os une e uniu, a condição militar.

Não é porém lícito retirar da realização deste congresso qualquer conclusão de oportunismo político partidário quanto ao momento e aos fins do mesmo.

Antes pelo contrário, tudo faremos para que as conclusões dos trabalhos permitam o enumerar de questões que possam conduzir à realização de acções com carácter verdadeiramente estratégico e efectivo, no reconhecimento e no apoio à sua solução, quer por parte das próprias associações, quer por parte deste e futuros governos.

O Congresso começa e termina amanhã. Se nos mantivermos unidos nada será como dantes. Devemos porém estar cientes que será necessário muito esforço e compreensão mútua para que isso possa acontecer. Enfrentaremos forças externas e mesmo internas. Importa manter a determinação que nos une hoje.

Conhecemos bem o que nos separa. Mas conhecemos também o que nos conseguiu unir.

O futuro não é amanhã. O futuro começa depois de amanhã e está nas nossas mãos.

Termino agradecendo a todos mais uma vez a vossa presença no dia de hoje e faço votos para que o nosso congresso seja um verdadeiro sucesso.